

Bandas de Carnaval poderão voltar à praia

Secretário de Turismo quer discutir o tema

SANDRO THADEU
DA REDAÇÃO

O pontapé inicial sobre a possibilidade de as avenidas da praia de Santos voltarem a receber bandas durante o período de Carnaval foi dada ontem, durante audiência pública para debater o tema na Câmara.

A proposta do *Carnapraia* partiu do vereador Braz Antunes (PSD) e foi bem aceita pelo secretário municipal de Turismo, Rafael Leal, que se comprometeu a estudar a ideia a fim de concretizá-la.

O primeiro passo nesse sentido é buscar um diálogo com o Ministério Público (MP), que proíbe esse tipo de evento há quase duas décadas, devido ao assassinato de um adolescente durante o desfile da Banda da Serra, no Gonzaga, em 1999, e a outros problemas registrados durante shows na praia.

Conforme Braz, o retorno do desfile das bandas na praia será um importante atrativo para turistas. O parlamentar chamou a atenção para a necessidade de a Administração Municipal reforçar as iniciati-

vas para receber grandes artistas na orla, o que poderia gerar mais receitas por meio de patrocínios.

“O Carnaval na praia existe em muitas cidades do País, menos em Santos. Mas acho que chegou o momento de repensar isso. Estamos diante de um assunto polêmico, mas cabe a nós discuti-lo e conversar com o MP”, explicou Leal.

RESSALVAS

O secretário municipal de Segurança, Sérgio Del Bel, demonstrou ser contrário à iniciativa, porque eventos desse tipo exigem um controle de acesso e são “temerários”. A falta de limitação do espaço torna a responsabilidade do poder público “incomensurável”, como em grandes shows na praia.

“Se um cara começa a correr ou tira um canivete, ele pode colocar tudo a perder. Não vai ser um policial que conterá uma histeria coletiva. A crítica virá pesada. É meu dever alertar. Se por acaso isso vier a ocorrer, vamos trabalhar para que tudo ocorra bem”, citou.



Audiência pública tratou do tema, na Câmara; por enquanto, a folia das bandas só ocorre nos bairros



Um dos motivos da proibição foi a morte de um jovem, em 1999

Segundo o chefe do Departamento de Eventos da pasta de Turismo, Wellington Lima, é preciso muito planejamento e organização para fazer atividades seguras a fim de atrair turistas para a Cidade.

“Podemos pensar em um pri-

meiro momento em fazer algo menor na orla, utilizando a faixa de areia, cercando uma parte da praia, com revista das pessoas. Não adianta pensar em algo gigantesco de cara. Essa evolução tem de ser gradual, como os shows na praia”, disse.

POLÊMICA

“O retorno das bandas de Carnaval na avenida da praia é um assunto polêmico. Isso é natural, mas uma cidade não pode ser proibida de usar o seu quintal. A gente pode decidir se quer ou não usá-lo. Vamos procurar o Ministério Público para resolver essa situação e, com muita segurança e planejamento, decidir se vamos fazer esses eventos”

Rafael Leal

secretário de Turismo de Santos



Operação apreende eletrônicos em Santos

MAURÍCIO MARTINS
DA REDAÇÃO

Operação conjunta da Polícia Federal (PF) e da Receita Federal, em Santos, resultou na apreensão de mais de cem caixas e sacos de mercadorias estrangeiras que teriam entrado de forma irregular no Brasil, por meio de contrabando. Os produtos estavam em cinco lojas, localizadas no Centro, Boqueirão e Gonzaga. Todas pertencem aos mesmos donos, quatro sócios, mas não houve prisões.

Após denúncias, fiscais da Alfândega e agentes da PF conseguiram mandados de busca e apreensão, expedidos pela Justiça Federal, e foram aos endereços na tarde de ontem recolher as mercadorias suposta-

mente clandestinas. Os produtos não tinham notas fiscais e ficarão retidos até o término das investigações.

Foram apreendidos drones, celulares, videogames, câmeras, roteadores, notebooks, perfumes, acessórios de computador e cosméticos. As três lojas do Gonzaga, onde *A Tribuna* acompanhou a operação, precisaram fechar as portas e dispensar funcionários, porque todas as mercadorias que eram vendidas foram levadas pela fiscalização. A quantidade exata de material e o valor total não foram divulgados.

DEFESA

O advogado Raphael Medina Mattar, que atua na defesa dos donos dos comércios, negou ir-



Após denúncia, Polícia Federal e Receita agiram em cinco lojas...

regularidades. “O problema é com um dos fornecedores. Embora a maioria das mercadorias das lojas tenha nota fiscal, por causa desse fornecedor elas foram temporariamente retidas e vai ser aberto um prazo para regularização perante a Receita”, disse ele, que alegou

não lembrar o nome da empresa fornecedora.

Ainda conforme o advogado, o mesmo importador mexe com todo tipo de mercadoria. “A loja tem a documentação, tanto alvará de funcionamento quanto as notas fiscais. Ocorre que em determinadas merca-



...dos mesmos donos, no Gonzaga, Boqueirão e no Centro

dorias, emitidas por esse fornecedor, foram pedidos maiores esclarecimentos”.

Mattar acredita que, em 20 dias, conseguirá os produtos de volta. Ele afirma que os sócios não tinham conhecimento sobre possíveis atos ilícitos do fornecedor.

“Não tínhamos conhecimento a esse respeito, até porque é uma empresa muito grande, que vende para muita gente. Mas as lojas não têm nenhum problema, só foram fechadas hoje por causa das mercadorias apreendidas”.

CLICK



LEOPOLO FIGUEIREDO

Incêndio. Uma suspeita de incêndio no prédio da Caixa Econômica Federal, na Rua General Câmara, no Centro de Santos, mobilizou equipes do Corpo de Bombeiros ontem à tarde. Segundo a corporação, sinais de fumaça chamaram a atenção no quinto e sexto andares. O local foi evacuado para que se fizesse a exploração das instalações em busca de focos de fogo. A suspeita é de uma pane elétrica, mas a origem da fumaça não foi identificada. Em função do ocorrido, o atendimento bancário foi suspenso no resto do dia, ontem.

CAIXA MINISTÉRIO DA FAZENDA **BRASIL** GOVERNO FEDERAL

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO E CONVOCAÇÃO

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, por meio da Corregedoria, torna público, para conhecimento das partes interessadas que, tendo em vista impossibilidade de notificação pelos Correios ao Sr. Fabrício Carlos Guimarães, fica ele notificado e identificado de sua condição de arrolado e convocado a comparecer, às 10:30, do dia 17/08/2017, na sede da Corregedoria São Paulo - COREDSP, sito à Avenida Paulista, 1842 - 7º Andar - Conjunto 78 - Torre Norte - Bairro Cerqueira César - São Paulo/SP, para prestar depoimento na condição de arrolado no Processo Disciplinar e Civil nº SP.0263.2017.C.000128. Fica o Sr. Fabrício Carlos Guimarães, desde já, ciente que o processo terá continuidade, independentemente de seu comparecimento no dia e hora marcados.

2º BIL - BATALHÃO DE INFANTARIA LEVE MINISTÉRIO DA DEFESA **BRASIL** GOVERNO FEDERAL

AVISO DE LICITAÇÃO

Pregão nº 04/2017 - UASG 160498

Nº Processo: 64084.012392/2017-14. Objeto: Pregão Eletrônico - Aquisição de Material de Expediente, visando atender às necessidades do 2º BIL e órgãos participantes. Total de Itens Licitados: 317. Edital: 09/08/2017 de 10h00 às 12h00 e de 14h às 16h00. Endereço: Av Antônio Emmerich, 975 - Jardim Guassu - SÃO VICENTE - SP.

Entrega das Propostas: a partir de 09/08/2017 às 10h00 no site www.comprasgovernamentais.gov.br. Abertura das Propostas: 21/08/2017 às 10h00 site www.comprasgovernamentais.gov.br

ANDRE LUCIANO BITTENCOURT BARBOSA - Cel
Ordenador de Despesas

http://www.tribuna.com.br/premiocomunidade

COMUNIDADE EM AÇÃO

Da perda,
veio amor
para doar

Projeto Luann Vive age contra receptação

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

A morte de Luann Oshiro, de 18 anos, assassinado durante um assalto, comoveu Santos em outubro de 2015. Por trás da comoção, estava Paulo Oshiro, seu pai, encarando a dor sem medida que acompanha as tragédias. Dor potencializada pela inversão da ordem (que deveria ser) natural de um pai nunca enterrar um filho. Mas ele transformou o luto em luta e, da perda, fez amor para doar. Assim, de alguma forma, tornou eterna a presença do filho ao criar o projeto Luann Vive.

Hoje, a iniciativa é referência em assistência social. Na sede, na Avenida Afonso Pena, há brinquedos, livros e roupas para doação. E uma rede de amigos, quando mobilizada, doa tempo, seja para trabalhos em aldeias indígenas, festas do Dia das Crianças ou leitura para idosos em asilos.

Apesar disso, a principal ação é contra a receptação. A campanha *Receptação é Crime* visa a alertar sobre o risco da compra de produtos de origem duvidosa – exatamente porque foi por causa de um celular que Luann perdeu a vida, sem nem mesmo reagir.

“Luann era um garoto estudioso e estava se preparando para a faculdade. Ele fazia cur-



sinho e brincava com a fama de *japonês* dizendo para os amigos: ‘Não se preocupa, sua vaga é minha’. Mas a verdade é que ele ajudava todo mundo. A partida do Luann aconteceu uma semana antes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e abalou demais os amigos de cursinho”, lembra Paulo.

Ele conta que não teve tempo de vivenciar o luto do filho porque foi para a porta das universidades dar apoio aos amigos de Luann que prestariam o Enem. Não queria que os garotos, abalados, deixassem de fazer a prova. “Os meninos fizeram uma camiseta em homenagem ao Luann: ‘Relaxa, minha vaga é sua’”, diz, emocionado.

NA ALDEIA

“Passada a questão do Enem, eu fui refazer alguns passos do Luann. Soube que uma sema-



Iniciativa tem sede no Bairro Aparecida, em Santos, aonde são encaminhados brinquedos, roupas e livros

LUANN VIVE

O que é?

O projeto é uma homenagem à vida de Luann Oshiro, de 18 anos, morto durante um assalto em 2015. O projeto faz campanhas contra receptação e também realiza ações sociais na região

Desde quando? 2015

Contato?

(13) 99762-3859

BIBLIOTECAS

Entre os brinquedos e roupas que ocupam parte da sede do projeto Luann Vive, destacam-se livros. Uma das próximas ações pensadas pelo projeto é a instalação de bibliotecas em cidades da Baixada Santista.

APROXIMAÇÃO

Gabriela Cartei não chegou a conhecer Luann.

Aproximou-se do projeto porque já trabalhava em uma entidade que acabou virando parceira do Luann Vive, o ProMedula Santos. “Eu não conheci o Luann, mas, se não fosse por ele, eu não teria conhecido essas pessoas que hoje são tão importantes na minha vida. Fora isso, eu me envolvi tanto com o trabalho que não me vejo mais sem isso”, conta.



na antes ele tinha visitado uma aldeia, a Rio Silveira, em Boraceia”, conta Paulo. Ele decidiu ir também. Coincidentemente, antes de sua ida, um colégio entrou em contato comunicando que tinha alguns quilos de alimentos arrecadados que Luann poderia levar. Lá, perceberam algumas dificuldades da aldeia, e o grupo decidiu ajudá-la e realizar uma festa de fim de ano.

“Mas, para nossa surpresa, fizemos um levantamento e tinha 450 crianças. Era bastante coisa para arrecadar”. Era mesmo. Apesar da campanha, nos primeiros dias Paulo cogitou vender o carro para comprar os brinquedos, que custavam a chegar. Mas, depois, a mobilização começou a surtir efeito, e uma doação grande fez com que o grupo conseguisse promover a festa na aldeia e ficar com material para uma próxi-

ma ação. Porque haveria outras. “Quando voltamos de lá, eu sabia que não poderíamos parar”.

A ação mais recente do projeto foi dar cara nova ao castelo do playground do Complexo Reboças, na Ponta da Praia. A ação, denominada *Reformando Sonhos*, ocorreu em parceria com o grafiteiro Carlos Silva Catts e deu à construção cores vivas e personagens para mexer com o imaginário das crianças.

“Nós não queríamos que a partida do meu irmão virasse só uma estatística. Por isso, iniciamos tudo. E, agora, o projeto nos ajuda a lidar melhor com isso. A dor vem, mas aí a gente olha para as ações do projeto, vemos o quanto aqui somos uma família. A gente ajuda e é ajudado”, conta Noah Oshiro, irmão de Luann.

É possível aprender sobre si mesmo

■ Cida Moreira precisava de um marceneiro para fazer um móvel para sua cozinha. Paulo Oshiro, marceneiro, precisava de trabalho para tentar retomar a vida logo após a morte do filho.

“Uma amiga me indicou ele, e foi logo depois do que havia acontecido com o Luann. Eu ainda perguntei para essa amiga se ele estaria bem para trabalhar”, relata.

Quando Paulo chegou, discutiram um pouco sobre o móvel e a cozinha, mas logo começaram a falar da dor de perder alguém. Como Paulo, que enfrentava a dor de perder o filho, Cida ainda chorava pela tristeza de perder o marido.

“Foi quando eu percebi que talvez ela se interessasse em estar com a gente na visita à aldeia Rio Silveira, porque ela estava muito triste. E, para minha surpresa, ela realmente foi, e se envolveu. E foi surpresa ainda maior ela voltar para outras atividades e ficar”, afirma Paulo, lembrando que os dois nunca mais discutiram sobre a cozinha – que acabou ficando sem o móvel.

“Eu me aproximei do projeto na esperança de curar a dor. Tinha perdido meu marido, me comovi com a história do Luann. Vi no projeto uma forma de me solidarizar e de dizer que poderíamos passar por tudo aquilo. A cada atividade do projeto percebi que a gente po-



Chirlene Muniz e Cida Moreira se integraram ao projeto de formas diferentes, mas com mesma dedicação

de passar por dores e ainda assim ficar de pé e, principalmente, ajudar outras pessoas”, explica Cida.

E, para ela, cada um ajuda da maneira que pode. Por isso, pensa ser importante o projeto ter várias vertentes. “Nessa de se doar por uma causa, aprendemos muito sobre nós mesmos”, considera.

AMIGOS

Desde pequeno, Vinícius, filho de Chirlene Muniz, estudava com Luann. Depois da morte do garoto, Vinícius foi se aproximando do projeto. “E eu comecei a acompanhar. Mas, na festa que eles realizaram na aldeia, o projeto me ganhou de vez. Ver os jovens reunidos lá, a seriedade das coisas... Eu quis

ficar”, conta Chirlene. Depois da aposentadoria, ela tem dedicado cada vez mais tempo aos trabalhos do Luann Vive. “É muito bom você sentir que faz o bem. Dar um abraço, emprestar os ouvidos. Muitas pessoas só precisam ser ouvidas. Eu acredito que, se o Luann estivesse aqui, era isso que ele estaria fazendo também”.

“Fiz do projeto minha oração”

■ Apesar das ações sociais, o principal foco do projeto é contra a receptação. Paulo Oshiro conta que tinha o desejo de cremar o corpo do filho, mas houve barreiras burocráticas pela morte do garoto ser decorrente de latrocínio.

“E, nessas idas e vindas e conversas com delegados, tomei consciência de que, se não houvesse quem comprasse produtos frutos de roubo e de origem duvidosa, assaltos e furtos diminuiriam. Quem sabe, até, meu filho estivesse vivo”, diz. Foi assim que ele idealizou uma campanha contra receptação que acabou ganhando apoio de entidades. Paulo também visita escolas para conversar com

jovens sobre o assunto.

“Perder um filho é a pior dor que um pai pode sentir. Mas maior do que essa dor é o amor que sinto pelo Luann. Eu podia escolher entre ser levado pela dor ou pelo amor. Talvez fazer o que eu fiz seja o mais difícil. Mas eu decidi fazer uma história bonita. Eu sinto saudades do meu filho todo dia e, por isso, preciso de batalhas todos os dias. Fiz do projeto minha oração e é por isso que eu não paro. É minha forma de orar, de continuar. Eu preciso fazer. Muita gente quer mudança sentada no sofá. Eu quero fazer”, afirma Paulo, de uma vez e com muitas lágrimas.



Paulo Oshiro, pai de Luann, atua contra receptação de mercadorias

